

**HISTÓRIA E MEMÓRIA COLETIVA:  
O CANTO HARMONIOSO E TRISTE  
DE PATATIVA DO ASSARÉ EM VERSOS DE CORDEL**

*José Severino da Silva* (UNIGRANRIO)

[cap.prof\\_jose@yahoo.com.br](mailto:cap.prof_jose@yahoo.com.br)

*Idemburgo Pereira Frazão Félix* (UNIGRANRIO)

[professorifrazao@uol.com.br](mailto:professorifrazao@uol.com.br)

*Jacqueline de Cássia Pinheiro Lima* (UNIGRANRIO)

[jpineiro@unigranrio.com.br](mailto:jpineiro@unigranrio.com.br)

**1. Considerações iniciais**

Pretendemos com este artigo propor a importância de representarmos a memória histórica e cultural deste representante da literatura popular brasileira, Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido como Patativa do Assaré, sedimentando o elo que os deve ligar ao seu local de origem. Retratar algo que é específico e natural em suas obras. Este poeta foi um dos mais importantes representantes da cultura popular nordestina, nacionalmente e internacionalmente. Toda a sua trajetória está marcada como um homem voltado para as causas menores, inferiores culturalmente, os mais necessitados. Este cordelista passou por diversas dificuldades ao longo de sua trajetória cordeliana sempre denunciando a corrupção, o abuso de poder e as injustiças sociais, sempre se preocupando com o povo marginalizado e oprimido do agreste ao sertão nordestino.

O poeta Patativa do Assaré destacou-se como improvisador e compositor. Este mestre tinha uma linguagem simples, porém sábia, em suas produções artísticas. Patativa nunca se considerou um cordelista, apesar do seu cordel ser reconhecido pelo público, enquanto outros poetas como o Mestre Azulão, sempre esteve convicto de ser um cordeliano. Sabe-se que sua vida na infância não foi tão fácil, sofreu demais, levava uma vida muito simples. “Patativa do Assaré nasceu numa família de agricultores pobres e perdeu a visão de um olho” (PATATIVA, 2006, p. 9). Seu pai morreu quando ele tinha oito anos de idade e a partir desta data “passa a trabalhar na terra deixada pelo pai que mais tarde seria dividida entre os irmãos” (PATATIVA, 2006, p. 9).

Patativa começou a trabalhar na roça para ajudar no sustento da família. Foi estudar numa escola local com doze anos de idade, porém ficou poucos meses nos bancos escolares. Nesta época, começou a escre-

ver seus próprios versos e pequenos textos. Ganhou da mãe uma pequena viola aos dezesseis anos de idade. Muito feliz, passou a escrever e cantar repentes e se apresentar em pequenas festas da cidade. Ganhou o apelido de Patativa, uma alusão ao conhecido pássaro, quando tinha vinte anos de idade. Nesta época, começou a viajar por algumas cidades nordestinas, apresentou-se como violeiro. Cantou também diversas vezes na rádio Araripe.

Este poeta também participava do programa da rádio Araripe, declamando seus poemas. Sabe-se que numa destas ocasiões é ouvido por José Arraes de Alencar que, convencido de seu potencial, o incentiva possibilitando a publicação de seu primeiro livro, *Inspiração Nordestina*, no ano de 1956. Esta obra teria uma segunda edição com acréscimos no ano de 1967 em sua monografia passando a se chamar *Cantos do Patativa*. No ano de 1970 uma nova coletânea de poemas é lançada, *Patativa do Assaré: Novos Poemas Comentados*, e em 1978 foi lançado *Cante lá que eu canto cá*.

Patativa do Assaré não teve um destino tão diferente como de outros poetas, também migrou, conheceu o norte e nordeste, depois o sudeste e, em seguida o mundo. Também percorreu esses caminhos cantando e declamando suas obras. Este poeta nordestino pertence ao mesmo seleiro que vários outros cordelistas, entretanto se destacou dentro e fora do Brasil por conta de suas poesias ligadas ao sertanejo, ao matuto, ao homem do agreste e do sertão. Suas obras ao mesmo tempo em que emocionam, satirizam e alegam através de seus versos poéticos e críticos.

*A Triste Partida* é um cordel e ao mesmo tempo música escrita por Patativa do Assaré, considerada o hino dos nordestinos. Este poema retrata algo que o mestre Azulão vivenciou. Foi retirante e sofreu ao ter que deixar o seu “torrão natal”, mas que, naquele momento se fez necessário, por questões diversas, entre elas, a própria sobrevivência. Nos dias atuais, a migração nordestina continua, embora em menor escala, o preconceito continua, mas continua também o avanço da diversidade cultural, e por conta desse processo promovido pela diversidade o reconhecimento dessa cultura considerada menor está sendo conquistada. A culinária, a música, a arte e o artesanato são apreciados e estão presentes nas outras regiões que compõem o território brasileiro. A diversidade cultural não desagrega costumes locais ou regionais, muito pelo contrário, agrega valores imprescindíveis na construção identitária de um povo que tem sua gênese no tripé interético.

## 2. *Cantos em diálogos*

Patativa do Assaré dialoga com as questões que configuram a identidade do nordestino. A história e a memória deste poeta, ao longo dos seus percursos enquanto cantadores, poetas, cordelistas e repentistas tornou-se uma fonte de pesquisa importante para intelectuais brasileiros e estrangeiros. Nesta perspectiva destaca-se a memória como representação seletiva do passado deste poeta alicerçado na literatura de cordel marcada pela forte oralidade.

A memória, como aqui é estudada, é a presença do passado, em outras palavras a memória histórica. Na perspectiva de Halbwachs, toda memória é “coletiva”, ou seja, quando o indivíduo recorre à memória histórica, vários personagens estão inseridos neste contexto, amigos, familiares e experiências vividas e neste contexto a memória tece e garante a continuidade das tradições históricas oficiais e não oficiais. O cordelista através da oralidade registra e preserva a cultura popular interpretando e comunicando valores e costumes de seu povo. O cordel quanto forma de expressão estética, representa também uma prática coletiva que envolve de um lado memória e oralidade e, de outro, o diálogo.

A memória histórica é uma fonte que a todo momento alimenta as Memórias individual e coletiva e também mantém contato permanente, servindo-se de base fundamental entre o ser pensante “cordelista” e o que ele pensa “cordel”, de uma forma recíproca. A memória histórica guarda informações relevantes para os sujeitos e têm, por função primordial garantir a continuidade das tradições, hábitos, costumes e culturas. Abarcam períodos menores do que aqueles tratados pela história. O cordelista tem na oralidade o seu veículo privilegiado e tem como dever registrar fatos ou acontecimentos, como um meio fundamental de preservação da cultura popular e a própria comunicação. Tanto a memória individual, coletiva e histórica se interpenetram e se comunicam. Entretanto, a memória individual e a coletiva vive num permanente embate pela coexistência. Elas são diferentes, mas uma depende da outra e na configuração desta memória tanto a individual quanto a coletiva são imprescindíveis para a preservação dos acontecimentos históricos seja oficial ou não.

A Serra de Santana e Assaré eram os xodós de Patativa. Em Santana, numa casa simples na roça com paredes sustentadas por um entrançado de madeira fina viveu quase a vida toda. Em meados de 1970, sua esposa, Dona Belinha (Belarmina Cidrão), fez um pedido “queria morar em Assaré” e Patativa atendeu o seu pedido. ‘Segundo relatos, em Assa-

ré, Belinha passava a maior parte do seu tempo na igreja que ficava próxima a sua residência.

Precede um período de escuta: Com sua sensibilidade poética, Patativa abriu as veredas do sertão, entrou na casa de taipa, coberta de palha, ouviu histórias de lobisomem, caiporas e almas penadas, contadas à beira do fogo, nos terreiros das choupanas mais humildes do sertão sem luz elétrica, sem rádio, sem televisão. (NASCIMENTO, 1995, p. 12).

Mesmo sendo um cordelista nordestino, matuto, por ter passado poucos meses na escola a preocupação principal era com as questões sociais de sua região que tanto demarcaram suas poesias. Patativa do Assaré apesar da vida sofrida e das dificuldades que passou ao longo de sua trajetória tinha o domínio da norma culta, graças às leituras dos clássicos: Camões, Castro Alves e Machado de Assis. Não obstante, privilegia os registros da oralidade, a linguagem coloquial do agricultor pobre do sertão.

Uma de suas obras, “*A triste partida*” feita no roçado alvora adentro, foi uma música composta por Patativa do Assaré. Ela conta a história de uma família nordestina que deixou suas terras fugindo das dificuldades causadas pela seca, rumo a região sudeste, com destino a São Paulo. O poema começa com a tradicional evocação:

passou-se setembro  
outubro e novembro  
estamos em dezembro  
meu Deus o que é de nós?

deslocando para uma figura religiosa a tarefa que caberia a própria natureza, adaptação coerente com a presente narrativa e com as expectativas de seus receptores. Esta música tornou-se um hino para o nordestino e o rádio foi crucial na divulgação e composição das obras de Patativa do Assaré em geral. Ela foi tão cantada na rádio que o rei do baião Luiz Gonzaga vai atrás do poeta e negocia a sua gravação, tornando-a um hino em todo o nordeste. A composição de Assaré relata a triste partida do migrante nordestino:

assim diz o pobre  
do seco nordeste  
com medo da peste  
e da fome feroz.

O processo migratório em parte ocorreu por questões naturais, políticas e sociais que por muitas décadas assolaram o agreste e o sertão nordestino.

O “pau de arara” tornou-se um veículo que muitos encontraram para fugir da fome e da pobreza.

Outro ponto mencionado no poema é o desapego de seus bens materiais (terra, gado e outros) preanunciando a possibilidade de não voltar:

Eu vendo o burro  
o jumento e o cavalo  
nós vamos a São Paulo  
viver ou morrer.

O poema assume o papel de denunciar as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes durante o processo migratório. O folheto passa a assumir um papel importante, o de registrar, de comunicar e de preservar uma história viva que apesar da evolução e modernidade, estas questões ainda acontecem nos dias atuais.

A história mostra na atualidade, um nordestino,

Distante da terra  
tão seca mas boa  
sujeito a garoa  
a lama e o paul.

Camponeses, que não tem medo do trabalho, robusto, mas que não muda de condição social por questões diversas, entre elas, a falta de instrução e o serviço escravo que muitos são condicionados.

Um nortista tão bravo  
viver sendo escravo  
na terra do Sul.

### 3. *A triste partida*

Meu Deus, meu Deus...  
Setembro passou  
Outubro e novembro  
Já tamo em dezembro  
Meu Deus, que é de nós,  
Meu Deus, meu Deus  
Assim fala o pobre  
Do seco Nordeste  
Com medo da peste  
Da fome feroz  
Ai, ai, ai, ai.

A treze do mês  
Ele fez experiência  
Perdeu sua crença

Nas pedras de sal,  
Meu Deus, meu Deus  
Mas noutra esperança  
Com gosto se agarra  
Pensando na barra  
Do alegre Natal  
Ai, ai, ai, ai.

Rompeu-se o Natal  
Porém barra não veio  
O sol bem vermeio  
Nasceu muito além  
Meu Deus, meu Deus  
Na copa da mata  
Buzina a cigarra  
Ninguém vê a barra  
Pois a barra não tem  
Ai, ai, ai, ai. [...]

Assim diz o velho  
sigo noutra trilha  
convida a família  
e começa a dizer:  
eu vendo o burro  
o jumento e o cavalo  
nós vamos a São Paulo  
viver ou morrer.

Nós vamos a São Paulo  
que a coisa está feita  
por terra alheia  
nós vamos vagar  
se o nosso destino  
não for tão mesquinho  
nós torna a voltar  
[...].

Este poema relata a vida do sertanejo, que deixa sua terra, que sofre com a fome e a seca e que busca na cidade grande uma alternativa para sobreviver. Entretanto, as dificuldades não são tão diferentes, o desemprego, a fome, que existe no interior do nordeste, também existe na capital.

O nível de instrução de Patativa do Assaré era diminuto por questões diversas entre a falta de oportunidade, por isso, o contato com diversas obras de poetas do seu tempo foram fundamentais para a construção de um conhecimento grandioso e de uma oralidade inquestionável. Percebe-se que a forma que escrevia seus versos era regional e própria. Apesar de ser considerado um poeta matuto do interior e de possuir um canto

triste e melódico, vários intelectuais e poetas discordam não de sua poesia triste e melódica, mas de sua instrução, pois acreditam que o poeta era um guardião do saber e de uma memória prodigiosa. Nos versos acima, Patativa retrata o deslocamento de uma família e de sua terra natal em direção a região sudeste. Vários fatores contribuem para que essa diáspora ocorresse, sendo elas: fome, seca, falta de trabalho e falta de oportunidades, fatores esses que até hoje atinge grande parcela de nordestinos.

#### **4. O voo do Patativa**

O sertão está de luto  
Sem sinfonia a aurora  
Pois a ave que cantava  
O povo, a fauna e a flora  
Sem sequer nos dar adeus  
Alçou voo e foi embora.

Calejado pelos anos  
Com noventa e três de idade  
Mas com plena lucidez  
Muita sensibilidade  
Sua ausência nos cobriu  
Com o véu frio da saudade.

Deu voz a uma legião  
De rurícolas sem clareza  
Até falando em desgraça  
Seu canto tinha beleza  
Porque recebeu as aulas  
Do Mestre da natureza.

Sua poesia jorrou  
Na viola e no repente  
Cantou saudade e tristeza  
Miséria, seca e enchente  
Sua obra o transformou  
Num símbolo da nossa gente.

O cordel foi um instrumento muito utilizado por Patativa do Assaré e nele testemunhava a saga dos retirantes, das dificuldades pelas quais passavam em seus deslocamentos, ao chegar à nova cidade. A saudade da terra natal era perceptível, mas também as alegrias eram visíveis e em pouco tempo tudo se ajeitava na convivência com os conterrâneos. O cordel adicionado a identidade permitiu a continuidade e a preservação dos aspectos identitários desse sujeito.

Patativa do Assaré é um poeta popular, guardião da memória, uma espécie de *griot* nordestino. Ao analisar a memória percebe-se que a oralidade permite um refazer constante do passado a ponto de não separá-lo do presente, pois um depende do outro. E também considera impossível dissociar as duas práticas (a oralidade e a escrita) diante da força da memória e da tradição oral. Patativa foi considerado um dos maiores poetas, teve livros traduzidos para o inglês e sua obra foi estudada na Cadeira de Literatura Universal Popular da Universidade de Sorbone. Por conta de tantas produções, destacou-se no universo da literatura popular a ponto de ganhar título de *Doutor Honoris Causa* de quatro universidades (UFC – Universidade Federal do Ceará, UECE – Universidade Estadual do Ceará, URCA – Universidade Regional do Cariri e UERN – Universidade Estadual do Rio Grande do Norte), além de condecorações, troféus, títulos e outros. Figurou no cinema brasileiro, na televisão e também recebeu o prêmio “Sereia de Ouro”. Patativa só deixou de participar de eventos em que era convidado quando se aproximou da morte.

O cordelista aqui estudado Patativa do Assaré, em alguns momentos dialoga com outros cordelistas através dos cordéis temáticos. Vale ressaltar também alguns dos poetas da literatura de cordel que mais fizeram sucesso, como Leandro Gomes de Barros (1865-1918), José Alves Sobrinho, Homero do Rego Barros, Mestre Azulão (José João do Santos), Téo Azevedo, Zé Melancia, Zé Vicente, José Pacheco da Rosa, Gonçalo Ferreira da Silva, Chico Traíra, João de Cristo Rei e Ignácio da Catingueira.

O cordel é uma realidade ainda viva. Apesar de tanta evolução tecnológica alguns autores, negam que o computador levará ao fim dos folhetos. Por mais que se tente inovar o cordel as suas características tradicionais sobrevivem, pois seu formato será sempre preservado como folhetos de bolsos que podem ser deslocados facilmente. Por mais que se tente, a internet apesar de seu poder comunicativo não substituirá o folheto.

##### 5. *Cordel: Cante lá, que eu canto cá.*

Poeta, cantô de rua  
 Que na cidade nasceu  
 Cante a cidade que é sua  
 Que eu canto o sertão que é meu.  
 Se aí você teve estudo  
 Aqui, Deus me ensinou tudo



Sem de livro precisá  
Por favô, não mêxa aqui  
Que eu também não mexo aí  
Cante lá, que eu canto cá.

Você teve inducação  
Aprendeu munta ciência  
Mas das coisa do sertão  
Não tem boa esperiência.  
Nunca fez uma paioça  
Nunca trabaiou na roça  
Não pode conhecê bem,  
Pois nesta penosa vida  
Só quem provou da comida  
Sabe o gosto que ela tem. [...]

Eu não posso lhe invejá  
Nem você invejá eu  
O que Deus lhe deu por lá  
Aqui Deus também me deu.  
Pois minha boa muié  
Me estima com munta fé  
Me abraça, beja e qué bem  
E ninguém pode negá  
Que das coisa naturá  
Tem ela o que a sua tem.

Aqui findo esta verdade  
Toda cheia de razão  
Fique na sua cidade  
Que eu fico no meu sertão.  
Já lhe mostrei um ispeio  
Já lhe dei grande conseio  
Que você deve tomá.  
Por favô, não mexa aqui  
Que eu também não mexo aí  
Cante lá que eu canto cá.

Patativa de Assaré/Antônio Gonçalves da Silva  
(Cante lá, que eu canto cá – cordel)

Sabe-se que as questões sociais implicam a formação e até mesmo as oportunidades que possam ter.

Aqui findo esta verdade  
Toda cheia de razão  
Fique na sua cidade  
Que eu fico no meu sertão. (ASSARÉ, 2006, p. 25)

Estes versos representam dois mundos equidistantes em que vive o nordestino na atualidade. Embora habite na área rural ou urbana, as questões identitárias não são diferentes do ponto de vista humano. Sempre apon-

tam para um mesmo lugar, pois tanto um quanto o outro, constrói e reconstrói suas vidas de acordo com as oportunidades que lhes são oferecidas, dependendo das questões sociais, políticas e culturais de cada local ou do não lugar em que venha se estabelecer. O conceito de não lugar, estudado por Augé (1994), está presente em diversas áreas do conhecimento. Para ele, o lugar antropológico é aquele que possui pelo menos três características comuns, pretende ser: identitário, relacional e histórico.

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a 'lugares de memória', ocupam aí um lugar circunscrito e específico. (AUGÉ, 1994, p. 73)

Primeiro, nascer é nascer em um lugar e, nesse sentido, o lugar de nascimento é constitutivo da identidade individual; segundo, as regras de boa convivência entre o próprio sujeito e outros atribuem ao lugar um espaço relacional e terceiro, é no lugar histórico que se encontram os vestígios deixados pelos antepassados. Segundo Augé (1994, p. 73) “se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional e nem como histórico, este se definirá um não lugar”. O referido teórico diz que o termo não lugar indica realidades distintas por conta dos espaços constituídos entre indivíduos. O ‘*Locus*’ antropológico é oposto ao não lugar, pois o não lugar, é representado pelo espaço de livre circulação cultural e identitária. “As rodoviárias, aeroportos, mercados, hotéis” (AUGÉ, 1994, p. 74-75), são representantes dos aspectos materiais, enquanto os cartões telefônicos, de créditos, documentos, passaportes representam os aspectos simbólicos que melhor fundamentam o “não lugar”.

A sabedoria que se recebe enquanto ser humano é igual. O que molda o indivíduo em seu aspecto identitário são as experiências vividas e percorridas ao longo de sua trajetória, (história) e esses conhecimentos presentes na memória servem como arcabouço teórico na construção das palavras proferidas em seus repentes ou cordéis.

O outro do interior, com referência ao qual se institui um sistema de diferenças que começa pela divisão dos sexos, mas que define, também, em termos familiares, políticos e econômicos, os respectivos lugares de uns e de ou-

tros, de modo que não é mais possível falar de uma posição dentro do sistema [...] sem referência a um certo número de outros. (AUGÉ, 1994, p. 23)

A questão identitária fica bem clara no cordel acima citado há pouco, quando o poeta diz: “*cante a cidade que é sua, que eu canto o sertão que é meu*” (ASSARÉ, 2006, p. 25). Quantas vezes este espaço público de livre circulação serviram de palco para as práticas cordelistas. A identidade aqui representada nesta obra enfatiza a ideia de que mesmo o nordestino saindo do locus ele não perde sua raiz cultural. Este sujeito transita no não lugar sem perder a direção do seu lugar de origem. A partir das relações que se estabelecem entre identidade e o contexto aqui representado através do cordel procurou-se estudar os elementos peculiares de sua experiência enquanto cordelista e cantador sem abrir mão do seu passado ainda recente, transitando a modernidade, e na atualidade se hibridizando e se destacando nos estudos culturais. Vale ressaltar, que tanto o lugar simbólico quanto o símbolo são aspectos representativos desse sujeito que mesmo transitando fora do seu ‘locus’ e comprovando sua identidade o sujeito já não é mais o mesmo. Na filosofia clássica Heráclito dizia “*o ser não é mais que o vir a ser.*” (COTRIM, 2011, p. 187) A fluidez do homem na pós-modernidade é visível, tornar-se, transformar-se, num movimento ininterrupto, constante e atuante como uma lei geral do universo, que refaz as coisas muito rápido.

Sob a perspectiva da história cultural, analisamos os não-lugares em que estes nordestinos percorreram até se estabelecerem na Baixada Fluminense, respectivamente Duque de Caxias, durante as últimas quatro décadas. Mas o que é não-lugar? Com base no livro *Não Lugares* de Marc Augé, significa “um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico. Sendo assim, os locais de espera e de passagem, são considerados não lugares.

## **6. Considerações finais**

Este trabalho destaca a memória como representação deste poeta alicerçado na literatura de cordel destacando sua oralidade, uma de suas principais características enquanto cordelista. Sua história faz parte do lendário e folclórico nordestino, ora poeta matuto, ora intelectual de seu tempo. Por esta via, relata alguns aspectos deste pensador defensor das causas menores, das injustiças sociais, da seca do agreste nordestino, da corrupção, da fome e da migração do seu povo em direção ao sudeste brasileiro em busca de dignidade e qualidade de vida. Em virtude dos fa-

tos mencionados sobre este poeta popular brasileiro, somos levados a perceber a importância de suas obras como fontes literárias reconhecidas em todo território nacional. Suas obras são estudadas em algumas Universidades da Europa e também em todo território nacional por pesquisadores de áreas afins.

O estilo de suas obras é muito próprio, sua sensibilidade em relação as causas menores ficam bem claras em seus versos. As causas sociais, políticas, econômicas e as questões naturais reforçam suas preocupações a respeito daqueles que sofrem, daqueles que são desassistidos e que vivem as margens da pobreza.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN/Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

ASSARÉ, Patativa do: *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 355.

\_\_\_\_\_. *Aqui tem coisa*. Fortaleza: Multigraf/Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1994.

\_\_\_\_\_. *Balceiro*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1991.

\_\_\_\_\_. *Ispinho e fulô*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto, Imprensa Oficial do Ceará, 1988.

BHABHA, H. K. *Como o novo entra no mundo*. O espaço pós-moderno, os tempos pós-coloniais e as provações da tradução cultural. O Local da Cultura. Belo Horizonte: UFMG, p. 292-325, p. 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.

GARCIA, Canclini N. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 1998.

GEERTZ, Clifford James. A interpretação da cultura. In: \_\_\_\_\_. *Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, 13-41.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 24, p. 68-75, 1996.

LOPES, Antônio Herculano; CALABRE, Lia. (Orgs.). *Diversidade cultural brasileira*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2005.

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, 1992.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *O regionalismo nordestino: existência e consciência da desigualdade regional*. São Paulo: Moderna, 1984, p. 15-58.